

Giorgetti, experiência obtida nos comerciais

Entrevista com Ugo Giorgetti

Ugo Giorgetti nasceu em 1942, em São Paulo. De 1963 a 1965 cursou Filosofia na USP. Publicitário desde jovem, já dirigiu cerca de 600 filmes comerciais, sendo premiado inúmeras vezes. Escreveu e dirigiu alguns documentários, entre eles *Bairro dos Campos Elíseos e Rua São Bento, 405*. Antes de estrear na direção de um longa-metragem de ficção com *Jogo Duro* (1985), realizou o documentário de 80 minutos *Quebrando a Cara* (1982). Concluiu recentemente *Festa* (1988), seu segundo longa-metragem de ficção.

Filme Cultura — Quando você começou a fazer cinema?

Ugo Giorgetti — Foi em 1973. Sempre me interessei pelo bairro dos Campos Elíseos, um bairro muito tradicional de São Paulo que em poucos anos se transformou na região que hoje é conhecida como “boca do lixo”. Ele foi o tema do meu primeiro curta, um documentário rodado em 35mm, a cores e com cerca de 12 minutos de duração. Acho fascinante esse contraste que o tempo provocou no local, sem necessidade de nenhuma hecatombe, nenhuma revolução. Em seguida eu fiz um média sobre o edifício Martinelli, um dos santuários da cidade. *Rua São Bento, 405*, que é o nome do filme e o endereço do Martinelli, tem 28 minutos, foi rodado em 16mm, a cores e tem fotografia de Rodolfo Sanches. O Martinelli já foi o maior edifício da América Latina mas, em menos de vinte anos, ficou completamente descaracterizado. Essa coisa implacável do tempo me fascina muito...

FC — Antes de *Jogo Duro*, seu primeiro longa-metragem de ficção, você realizou *Quebrando a Cara*, um documentário de 80 minutos sobre a vida do Éder Jofre. Fale um pouco dele.

Giorgetti — O filme é curioso, porque os pugilistas em geral são pessoas interessantes. Eu pelo menos respeito muito os boxeadores. Falar que a vida é dura é uma coisa, mas levar porrada literalmente é outra. O Éder tem 11 pugilistas na família. Uns compraram até casa com o dinheiro obtido com as lutas, outros saíram do ringue direto para a marginalidade. Agora, esse é também um filme maldito, pelo menos por duas razões: por ser um documentário, gênero que este país não cultua, e ter sido rodado em 16mm. Acabou sendo lançado apenas em vídeo e, apesar de rodado entre 1979 e 82, só foi visto no Festival de Brasília de 1985. O pessoal gostou tanto que acabou projetando-o junto com os longas. Saímos de lá com o prêmio de melhor montagem, feita pelo Luiz Elias, o

montador de *Pixote*. Meu interesse sempre recai na aventura pessoal de certos seres humanos, seres excepcionais, de exceção, que de uma certa forma recusam a vida tal como ela é. Eu gosto muito de pessoas que falam não e se colocam impavidamente à margem, levando a vida assim e pagando o preço dela.

FC — Quando você decidiu fazer o *Jogo Duro*?

Giorgetti — Quando eu já tinha uma estrutura profissional tão grande na publicidade que pude reunir várias pessoas e perguntar: — Vamos fazer um filme? A idéia era fazer um filme barato, sem mendigar dinheiro na Embrafilme ou aturar gente querendo ver o roteiro. E parti para o chamado “cinema independente”.

FC — Quem produziu?

Giorgetti — O Raul Rocha, que é um produtor independente e acreditou no projeto. Mas todo mundo entrou com uma parte da grana: eu, o fotógrafo, o montador. *Jogo Duro* foi um filme feito no estilo cooperativo. Eu pensei o seguinte: Tenho que fazer esse filme o mais barato possível. E o que é um filme barato? É um filme cuja produção não se desloque muito. Se você faz um filme com locações no Rio de Janeiro e São Paulo, você já começa a complicar. Então rodei o filme dentro de uma casa. Eu disse para mim mesmo: Bom, aqui a gente come no set de filmagens. E nesta casa eu reuni personagens com estilo: um ex-boxeador, um guarda particular e uma mulher sem eira nem beira. Num dado momento eles se reúnem fortuitamente neste lugar, onde acontecem pequenas coisas, um quase nada entre eles, e nunca mais eles vão se encontrar de novo. Esses personagens estão fora do esquema, quase que por opção. Um cara que se dedica ao boxe ou à guarda particular poderia exercer uma atividade mais comportada. Se ele vai lá é porque ele é especial. E me interessam muito essas pessoas especiais.

FC — Como se deu a concepção da estrutura dramática do *Jogo Duro*?

Giorgetti — Eu gosto muito de fazer diálogos, se isso responde a alguma coisa. *Jogo Duro* é um filme em que não acontece praticamente nada. Procurei não construir uma trama. Quem quer trama que ligue a televisão e assista à novela das oito. Me interessava mais a maneira como as pessoas se conduziam como seres humanos. Meu ideal são os filmes do Robert Altman, um daqueles poucos cineastas que eu não vi e já gostei.

FC — Como se deu o trabalho com os atores?

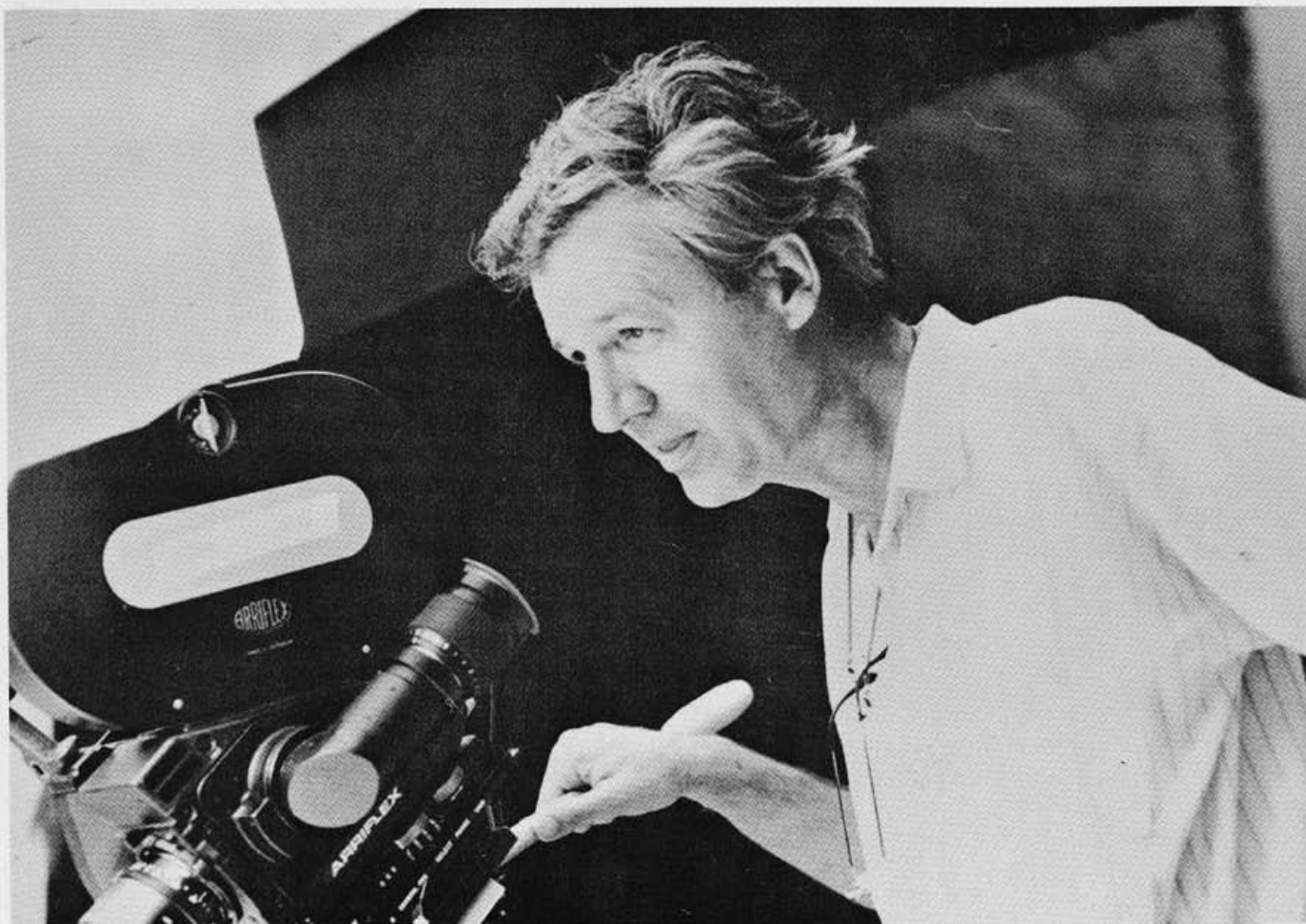
Giorgetti — Ator tem que ser dirigido, senão sai da cabeça deles, o que é tremendo. Você não pode confiar no ator. Mas a chave da questão está basicamente em montar o *cast* e não em dirigir exatamente. Se você é habilidoso o suficiente para montar um *cast* correto, você elimina 70% da direção de atores. O que eu acho é que há *cast* mal-intencionado, *cast* desonesto, *cast* que o cara fala: “Eu vou pegar quatro caras da Globo, que acabaram de fazer a novela das oito, para ver se o público vai assistir”, o que é uma ilusão, porque você fica com quatro caras provavelmente inadequados para os personagens. E fica um horror dirigir um ator inadequado, um ator que não tem o corpo do personagem. É tudo uma questão de bom senso.

FC — O que significou para você ter feito esse primeiro longa de ficção?

Giorgetti — De retorno tive apenas a generosidade da crítica. Para você ter uma idéia, o Orlando Fassoni, crítico da *Folha da Tarde*, relacionou esse grande fracasso entre os melhores filmes do ano.

FC — Qual a sua concepção de cinema? Como você acha que deveria ser o cinema feito hoje no Brasil?

Giorgetti — Minha concepção de cinema é a seguinte: o país é subdesenvolvido mas eu não. Portanto, eu me reporto ao cinema internacional. Eu sempre fui contra o cinema lixo. Tem que ser caprichado, tem que ser bem-feito, nesse ponto eu sou exaustivamente chato. Por isso é que ganhei o prêmio de melhor som no Festival de Brasília, com *Jogo Duro*. Tem que se entender o que as pessoas estão falando, senão tem que refazer. O fotógrafo tem que fotografar direito, segundo o clima que eu estou pedindo para ele, e tem que conhecer alguma técnica de

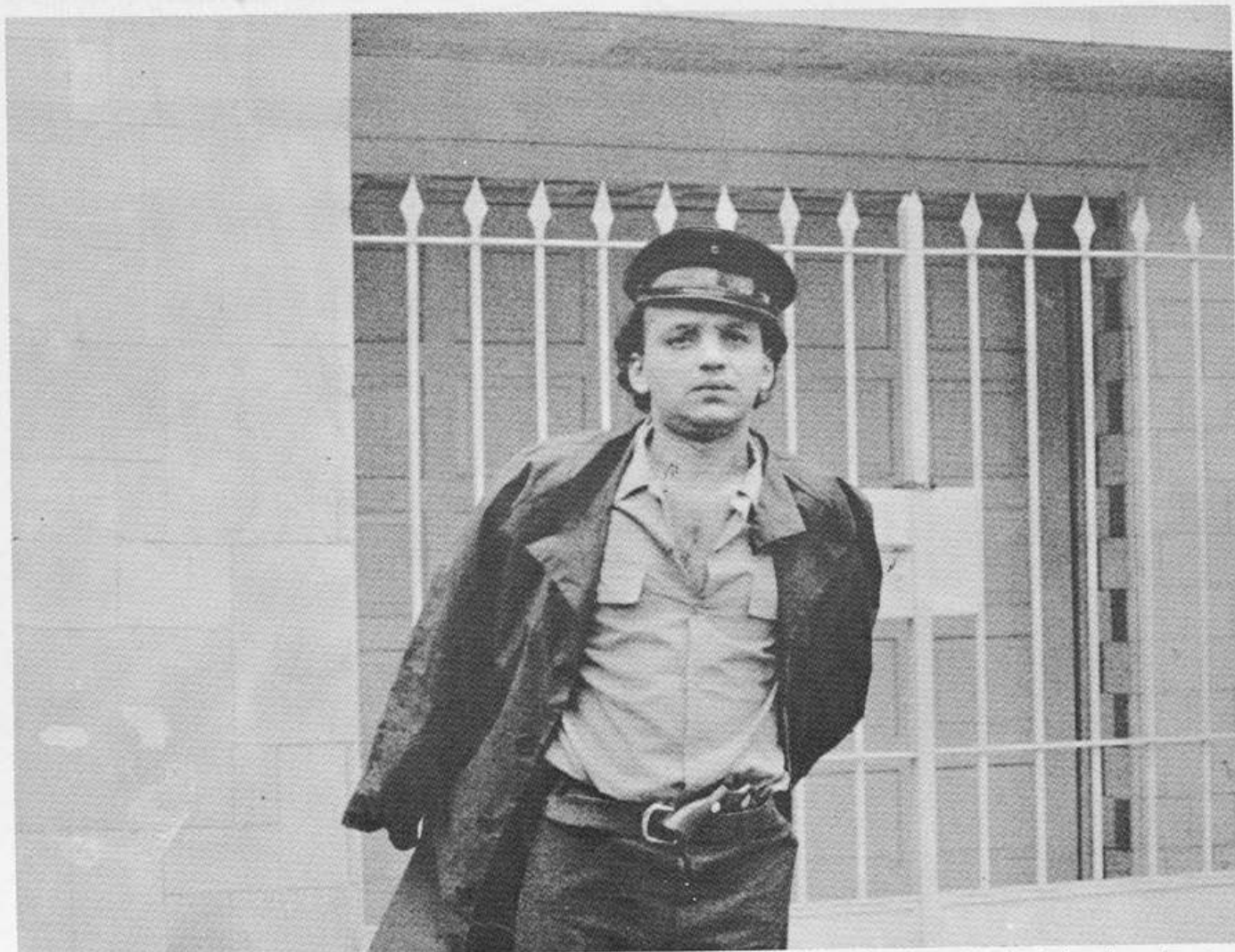


Experiente diretor de comerciais e documentários, Ugo Georgetti estreou no longa de ficção com *Jogo Duro*.

cinema. Acho que quem não conhece as técnicas do ofício devia se afastar. Agora, quanto ao cinema brasileiro, só tenho a dizer que estou cada vez me importando menos com o país, que dirá com ele. Não vou atrás do público, o público que se dane. Gostaria imensamente que ele lotasse todas as salas, mas não a qualquer custo. Não vou fazer *cast* com novela das oito, não vou botar mulher pelada. Meu padrão é o internacional. Quero que alguém veja meu filme em Roma e diga: "Não gosto desse filme, odeio esse roteiro, mas esse cara entende. Aqueles índios lá da América do Sul sabem o que estão fazendo".

Giorgetti — Eu levanto de manhã e vou trabalhar em cinema. Faço filmes comerciais, mas faço. E se você não

aprende a fazer cinema fazendo comerciais, não aprende nunca. Em primeiro lugar, devido à variedade de gêneros você pode até aferir qual é a sua vocação profissional: se para a comédia, o musical etc. Em segundo lugar, você faz cinema todo o dia, o que é fundamental. Eu não consigo compreender como é que alguém faz um filme em 1980 e outro em 1987. Em terceiro e último: se você não faz direito te colocam no olho da rua, o que talvez seja o dado mais importante de todos. Se você faz filmes ruins, você é demitido. Se houvesse demissões em longa-metragem, nós já teríamos um cinema muito bom. Mesmo que eu pudesse viver de longas, não pararia de fazer comerciais.



Cacá (Carlos Augusto Carvalho) vigia uma casa do Pacaembu colocada à venda em razão da violência urbana.